

QUANDO OUSAMOS EXISTIR

Entrevista com Marcio Caetano

*THE EDUCATOR CITY AND THE DIFFERENCES
OF SEX, SEXUALITY AND GENDER*

Marcio Caetano¹, Eduardo Rocha² e Taís Beltrame dos Santos³

Em um encontro virtual e atento, conversamos com Márcio Caetano, professor da Universidade Federal de Pelotas, líder do Grupo de Pesquisa Políticas dos corpos, Cotidianos e Currículos (POC's-UFPel) e Coordenador do Centro de Memórias João Antônio Mascarenhas (UFPel, UFES & Grupo Arco-Íris-RJ). Márcio é diretor, junto a Cláudio Nascimento, do documentário: "Quando ousamos existir", que aqui é apresentado desde sua trajetória, desdobramentos e atravessamentos. No diálogo, Márcio apresenta parte de sua experiência de luta, desde as frentes de ativismo no Rio de Janeiro, até as novas perguntas de pesquisa que tem feito junto ao seu grupo de pesquisa na cidade de Pelotas-RS. A entrevista é uma partilha potente, e por que não inquietante, mas principalmente sensível.

Entrevistado

Márcio Caetano

Entrevistadores

Eduardo Rocha e Taís Beltrame dos Santos

Transcrição

Eduardo Rocha

Revisão

Taís Beltrame dos Santos

1 Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Educação (FAE/UFF) com período sanduíche em Universidad Nacional Autónoma de México. Mestre em Educação (FAE/UFF). Licenciado em História (UERJ).

2 Diretora de Planejamento e Acompanhamento da Urbanização Plena na Subsecretaria de Habitação da Prefeitura Municipal de Contagem e Arquiteta e Urbanista pela Escola de Arquitetura (UFMG/2022).

3 Diretora de Planejamento e Acompanhamento da Urbanização Plena na Subsecretaria de Habitação da Prefeitura Municipal de Contagem e Arquiteta e Urbanista pela Escola de Arquitetura (UFMG/2022).

Edu: Então, Márcio, deixa eu te contar, antes da gente começar. O disparador da entrevista é o filme "Quando Ousamos Existir"⁴, dirigido por ti e pelo Cláudio Nascimento. Queremos saber um pouco mais sobre o filme, sobre a trajetória do filme, mas a gente também quer conversar sobre outras questões relacionadas ao movimento LGBTQIA+ e alguns trabalhos que a gente vem realizando. Primeiro vou te contar um pouco do contexto.

A entrevista é para um número da revista Pixo. Eu sou editor dessa revista já, há dez anos, mais ou menos. Ela tem números temáticos que vão variando, trata sempre de temas da contemporaneidade relacionados à arquitetura, à cidade, filosofia, arte, antropologia... é bem eclética nesse sentido. Então, o número 30 da revista, que é o número que vai ser lançado, acredito eu, lá por agosto ou setembro, tem uma temática que se chama transcidade. Essa chamada está sendo feita por mim e por um professor lá da UFBA (Bahia) que se chama Eduardo Rocha também. Somos dois Eduardo Rochas e dois arquitetos. O Eduardo Rocha trabalha com essa temática há muito tempo. Ele tem uma pesquisa que se chama "Cartografia Sexuada de Salvador"⁵. E ele está envolvido há muito tempo, desde do mestrado e doutorado, diretamente com teoria queer, com corpos trans, gays, lésbicos e tudo mais. Então ele tá dentro desse meio de pesquisa.

Já eu, diferente do Eduardo da Bahia, embora seja um homem gay, venho trabalhando com cidade, e a minha pesquisa maior tem sido sobre caminhografia urbana, sobre a prática de caminhada e de mapeamentos na cidade. Então, foi indo, indo, indo, faz muitos anos que eu pesquiso isso, mas nunca fui muito permeado pela teoria queer, embora eu tenha um mestrado em educação, aqui na UFPEL, no teu programa, e participava de uma linha Foucaultiana e pós-estruturalista. Então, fazia as leituras da Butler, da Donna Haraway, que naquele momento eram leituras muito fortes. E a maioria dos professores tinham formação na UFRGS com o Tomás Tadeu da Silva, e com a ex-mulher dele, a Sandra Corazza. Eu tive essa formação, mas o meu trabalho sempre foi no campo do currículo, ali, então, chegava próximo da teoria queer ou dessas teorias que tinham essa relação, mas não entrava muito.

Aí, então, estudando as caminhadas e tal, eu percebi que enquanto eu me desloco caminhando, ou os pesquisadores, ou as comunidades, existe uma força de transformação possível. E aí comecei a estudar essa questão da transformação das coisas, da cidade, agora, no nosso tempo, e por várias questões e por vários motivos, que daqui a pouco a gente pode conversar, essa força acabou me levando para a teoria queer, porque essa força é uma força trans, eu diria, desse corpo. Assim como a Taís que está aqui, a maioria das nossas caminógrafas são mulheres, LGBTQs, mulheres negras. É muito interessante esses grupos que acabam se formando, e eu comecei a estudar muito isso, e aí fui me aproximando da teoria queer em função de entender a emergência desse corpo no entendimento de corpo como um organismo também biológico. Encontrei muito na teoria queer algumas questões que eu venho desenvolvendo. Então, eu ando num movimento contrário, agora eu tô me aproximando bastante desses corpos mesmo.

Desse movimento que surge a chamada da transcidade. Eu e o outro Eduardo já nos conhecíamos há muito tempo, ele dentro desse universo mais específico, político, de engajamento, e eu meio por fora, caminhando. Então resolvemos chamar uma chamada que se chama Transcidade, com a ideia de capturar os trabalhos que vêm abordando questões urbanas, não de arquitetura ou de planejamento urbano em si, que tivessem

4 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_GmvaF_ICTc

5 Disponível em: <https://mapeamentocultural.ufba.br/programa-sankofa/cartografia-sexuada-de-salvador>

um atravessamento, na questão prática ou teórica desse pensar dissidente. A chamada é bem aberta nesse sentido do corpo biológico, do corpo biológico LGBTQIA+, mas também de uma questão cultural que vai se desenvolver em torno disso.

Para conversar contigo, eu li um artigo teu com o Alexandro Rodrigues e Ileana Wenzel: “Currículo como estudos narrativos y queer: emergencias que interrogan la educación”. E eu achei muito, muito interessante o teu artigo. E aí a gente começou a pesquisar quem a gente poderia convidar para uma entrevista, para uma conversa. Ao encontrar teu nome, me lembrei do lançamento de “Quando ousamos existir”, em 2022. Mas ver, como naquela época eu não estava atravessado por isso tudo, eu disse, “ah, eu estou a fim de ir”, mas acabou que eu não fui. Fiquei bem feliz de tu estar aqui, porque perguntei para alguns colegas da da faculdade de educação, e sempre me diziam que eu deveria falar com o Márcio Caetano. Fala Taís.

Taís: Acho que é isso que o Edu falou, não tem mais, acho que a gente vai se conhecendo, mas o objetivo da conversa é a gente entender um pouco esse lugar da teoria queer e as possibilidades de pensar a transidade. Como a gente ainda está iniciando esses estudos, é importante ouvir alguém que esteja mais atrelado às discussões para gente conseguir firmar uma base teórica e crítica, bem posicionada, a partir dessa temática que é uma temática super sensível e que a gente não pode falar bobagem por aí. Quando o Edu fala do teu artigo, acho que faz muito sentido a gente pensar a cidade, o planejamento urbano como sendo o currículo, aquilo que organiza, estrutura, mas que existe uma vontade, uma potência de pluralização que é iminente. Porque as coisas estão acontecendo, elas estão sendo tensionadas, e aí a gente precisa dar vazão a isso. E acho que existe, nesse sentido, um movimento que é intrinsecamente político, porque precisamos dar lugar a essas coisas e começar a pensar a partir disso, porque senão a gente vai sempre cair nas ideologias homogeneizadoras, como já se faz há muitos anos.

Edu: Então, é um pouco por aí, né? Que a gente... queria conversar contigo. Eu acho que pra gente começar, tu podia nos contar um pouquinho sobre o filme e a trajetória do filme.

Márcio: Bem, com relação à emergência do filme, A emergência... Eu não sou do cinema, né? Minha formação não passa, inclusive, pelo cinema, e não sou um sujeito que pesquisa cinema. Então, o que estou querendo chamar a atenção é que o filme não começa necessariamente por conta do filme, mas por uma necessidade ativista, porque aí sim eu sou um sujeito que hoje sou professor universitário, mas me constituí, enquanto sujeito político, me constituí na esteira do movimento social. Eu venho dos movimentos sociais e militei durante muitos anos na fileira de frente do movimento que hoje se chama LGBTI+. Ou seja, eu peguei várias das discussões e recomposições da sigla. Ainda usávamos marcha homossexual quando começo a minha trajetória no movimento LGBT.

Então, o filme nasce do reconhecimento de duas pessoas, ou seja, eu aqui, professor da UFPEL, e Cláudio Nascimento, que é meu amigo de infância, também morador da periferia da baixada fluminense no Rio de Janeiro e que se tornou ainda mais meu amigo por conta da fileira do movimento LGBT.

De uma necessidade minha e dele de contribuir com algo que efetivamente nós identificamos que era um problema e é um problema do movimento LGBT, que é a situação da memória. Queríamos contribuir com esse debate e de alguma forma agradecer ao movimento LGBT por aquilo que somos e onde estamos. Ou seja, o movimento LGBT, tanto para mim quanto para o Cláudio, vai muito além de vitórias coletivas, o movimento incide na nossa trajetória pessoal. O que eu sou, e onde eu

estou, eu devo ao movimento LGBT. As minhas primeiras pesquisas, por exemplo, “Política, direito, violência e homossexualidade”, foi uma pesquisa feita na 8ª Parada do Orgulho GLBT do Rio de Janeiro. Foi uma das primeiras pesquisas feitas nas paradas no Brasil e foi essa pesquisa e algumas outras, por exemplo, que subsidiou a elaboração do “Brasil sem homofobia”⁶. O que eu estou querendo dizer com isso? Eu aprendi a ser pesquisador no movimento social. Eu aprendi política no movimento social. Eu me descobri e constituí a minha sexualidade, descobri do ponto de vista da possibilidade milhares que eu tinha de como performatizar a minha sexualidade, por meio do movimento social. Eu existo muito em função do movimento social. E essa mesma interpretação tem o Cláudio.

Então, veja, foi um encontro de uma preocupação nossa com a memória, com a nossa necessidade de alguma forma agradecer ao movimento por aquilo que somos. E como é que se agradece ao movimento aquilo que somos? É agradecendo a ancestralidade desse movimento, afinal de contas, se aquilo que somos é fruto de uma trajetória, a gente tem que agradecer a quem? Àqueles que fundaram esse movimento. Inclusive porque muitos dessas lideranças já estavam se afastando do movimento, algumas faleceram. A gente estava muito preocupado com isso, porque, paralelo a essa questão, quando o projeto do filme emerge, as forças que deram a vitória ao Bolsonaro já começavam a se fortalecer politicamente, a ponto de ter dado o golpe à presidenta Dilma. Com isso, muitas organizações estavam fechando. Ou seja, essas forças já produziam uma incidência nas organizações e várias delas estavam fechando e as pessoas estavam morrendo. Então, juntou tudo isso e eu e o Cláudio decidimos que tínhamos que fazer alguma coisa. Vamos fazer um centro de memória do movimento LGBTI. E foi o que nós fizemos.

Nós, com os nossos recursos, compramos uma série de equipamentos, fomos estudar cinema, fomos aprender a filmar, fazer som, editar. Tudo isso a gente aprendeu fazendo. Aprendeu estudando e fazendo, tudo junto e misturado, não foi assim cada coisa no seu tempo, não, foi tudo junto e misturado. A gente foi percorrer o Brasil atrás dessas lideranças, De fato, percorremos o Brasil atrás dessas lideranças, das mais variadas formas possíveis. Era um convite que eu recebia para dar uma palestra em um evento X, e eu ia com todo o equipamento e entrevistava a liderança de lá. Se o Cláudio, tinha sido convidado para ir para algum evento, ele fazia o mesmo percurso. Em outros momentos, por exemplo, em São Paulo, a gente foi com toda a equipe para São Paulo, porque a gente sabia que tinha muitas lideranças residindo em São Paulo. Então, Cláudio, tira dinheiro do seu bolso, Márcio, tira dinheiro do seu bolso, junta o dinheiro do teu bolso, Cláudio e Márcio, e leva o Fábio, que foi o nosso bolsista, e fomos filmar em São Paulo. Então, a primeira coisa que era a nossa preocupação inicial não era o filme, era ter o registro oral da memória do movimento LGBTI. Entrevistamos mais de 100 ativistas no Brasil inteiro.

E aí a gente começou a pensar, de ter esse material visual, vamos produzir um filme. Esse material, inclusive, já está editado, ele vai subindo aos poucos na página do YouTube do Centro de Memória João Antônio Mascarenhas⁷, que é a ideia de ser um centro de memória oral do ativismo LGBTI. Já tem algumas entrevistas lá disponibilizadas. Feito essas entrevistas, a gente se deu conta de que precisávamos marcar os 40 anos do movimento LGBTI que foi comemorado em 2018. Porque tem uma coisa que é a seguinte: a história desse país, a história da luta pela democracia

6 O Programa Brasil Sem Homofobia foi lançado em 2004, a partir de uma série de discussões entre o Governo Federal e a sociedade civil organizada (Organizações Não-Governamentais, entre outras), com o objetivo de promover a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/@centrodememoriajoaoantonio8332>.

desse país invisibilizou vários movimentos sociais. Dentre eles o movimento LGBTI, o movimento negro, o movimento de mulheres, que foram centrais no processo de redemocratização do país. Não foi só o sindicato. O sindicato foi importante? Foi. A luta sindical foi importante? Foi. Mas não foi só o sindicato.

Inclusive a gente se organizou nas costas do movimento sindical. Nos chamavam de pelego, nos chamavam de divisionista, ou seja, tinha todos os dedos na nossa cara. Então, a gente compreendeu que era necessário demarcar nos 40 anos do movimento LGBTI, que foi em 2018, por meio de um conjunto de materiais comemorativos. E aí a gente lançou esse livro aqui, que eu não sei se vocês já conheciam: “História do Movimento LGBT no Brasil”⁸, uma coletânea de artigos produzidos a partir de pesquisas acadêmicas. E também o “Quando ousamos existir”⁹, que é uma fotobiografia, um itinerário de fotos biográficas. Ou seja, as lideranças, por meio de suas fotografias, aquelas que foram tiradas ao longo da sua trajetória, produziram artigos a partir da foto. É uma fotobiografia.

Bem, aí a gente a gente já tinha feito grande parte das entrevistas, fomos estudar roteiro, fomos estudar edição, como eu falei, para dar conta de produzir o filme. O filme efetivamente foi produzido por três pessoas. Eu, aqui na UFPel, o Cláudio, no Rio de Janeiro, e meu bolsista de iniciação científica, Fábio Rodrigues, um menino brilhante, brilhante, brilhante, brilhante, e que foi imprescindível para a gente fazer esse material que vocês, penso, já terem visto. O filme nasce disso daí, dessas preocupações nossas com a memória, desse cenário recrudescido do conservadorismo que já apontava no mundo e que no Brasil acabou resultando na vitória do Bolsonaro, e com essa necessidade minha e do Cláudio de, de alguma forma, agradecer ao movimento LGBT por aquilo que somos, enquanto sujeitos, enquanto pessoas, enquanto indivíduos. Agradecer pelo modo como estamos.

Eduardo, parece ser do mesmo período que eu, não é o caso de Taís, mas seguramente a realidade de hoje era utópica, era sonho quando começamos a nossa jornada. Naquele contexto não ousávamos existir. É por isso que o filme é... quando ousamos existir, ou seja, esses sujeitos. E aí que é uma coisa importante também, porque o filme não é sobre LGBTI no Brasil. Não é sobre isso. O filme é sobre o ativismo LGBTI no Brasil. Então, enquanto muitos estavam no armário, enquanto muitos não tinham as condições ou a ousadia de assumir, esses sujeitos, das mais diferentes formas, pagando os mais diferentes preços por isso, ousaram dizer que eram lésbicas, que eram gays, que eram bissexuais, travestis, transexuais, e com a sua ousadia foram construindo possibilidades para que hoje nós pudéssemos, inclusive, em vários aspectos, pulverizar e destruir, inclusive, a necessidade dessas identidades.

Edu: E como tem sido a trajetória do filme depois do lançamento?

Márcio: O filme foi lançado em 1922. A gente percorreu várias cidades brasileiras, inclusive, ele foi lançado aqui em Pelotas, não haveria de não ser lançado em Pelotas, até porque Pelotas tem uma importância ímpar na trajetória do movimento LGBTI. E eu, particularmente, compreendo que Pelotas tem uma dívida com uma figura política central dessa cidade e que é muito pouco reconhecida, que é João Antônio Mascarenhas. João Antônio Mascarenhas, que é pelotense, foi um dos fundadores do

⁸ Livro coletivo organizado por James N. Green, Renan Quinalha, Marisa Fernandes e Márcio Caetano e publicado pela Editora Alameda (2018), com textos de mais de 30 autoras e autores das diversas partes do Brasil, de distintas identidades e orientações, tratando de diversos aspectos da formação e do desenvolvimento do movimento LGBTI+ brasileiro nos seus 40 anos de história.

⁹ Livro coletivo organizado por Márcio Caetano, Alexsandro Rodrigues, Cláudio Nascimento e Treyce Ellen Goulart e publicado pela Editora CopiArt da FURG(2018).

movimento LGBTI no Brasil. Eu, inclusive, teria ousadia de dizer que ele é o fundador, junto com outros, mas ele não perde esse estar de ter aquele sujeito que dá a linha, ele deu a linha do movimento social, inclusive ele foi o responsável por articular esses movimentos emergentes, movimento LGBTI emergente, em plena ditadura militar, com redes internacionais.

O próprio Jornal Lâmpião da Esquina¹⁰, a ideia do Lâmpião da Esquina, veio em decorrência de um convite que o Mascarenha havia feito para “Sunshine”, se não me engano, uma revista americana. Ou seja, o editor veio para o Brasil a convite do Mascarenhas, e essa visita desse editor abriu as condições de emergência do Lâmpião da Esquina. Então, você veja, se aquilo que somos é resultado dos espaços por onde passamos, O que era João Antônio Mascarenhas foi resultado da sua criação em Pelotas. Essa cidade tem uma importância para a trajetória desse movimento LGBT nacional, e a cidade de Pelotas tem um déficit com essa figura que não foi importante para o movimento LGBT somente. Ele foi importante para a democracia no Brasil, pelo aprimoramento da democracia, ou melhor, a ampliação do sentido de democracia que, durante muito tempo foi fundamentalmente construído para garantir a cidadania de homens brancos. Mas se hoje a gente começa a pensar em cidadania de população LGBTI, de mulheres, de populações negras, de pessoas com deficiência, foi, sem sombra de dúvida, por conta de trabalhos importantes como de personalidades, como, por exemplo, o João Antônio Mascarenhas. No filme, inclusive, a gente mostra uma cena do João Antônio Mascarenhas em uma sessão da Constituinte de 88.

O João Antônio Mascarenhas não nomeia a população homossexual no masculino, ele nomeava o homossexual e a homossexual. Olha que coisa interessante, o sujeito era antenado com as agendas feministas, com as preocupações de ampliar a democracia e, ampliando a democracia, aprimorar a cidadania. A cidadania não tem que estar a serviço de um só sujeito, tem que dar conta do conjunto da população brasileira. O filme percorreu várias cidades no Brasil, como pré-estreia, e nós participamos de vários festivais. Para a nossa felicidade, ganhamos alguns desses festivais que concorremos, em outros só fomos selecionados para a exibição, mas, de qualquer modo, o que nos chama a atenção foi o modo despretensioso, porque nós não tínhamos a pretensão de participar de festivais no começo.

Como falei para vocês, o caminho foi feito no caminhar, para pegar o que o Eduardo chama a atenção nas suas pesquisas, e a gente foi indo, foi evoluindo nesse processo. E esse ano, inclusive, o filme foi selecionado para representar o Rio Grande do Sul na Mostra Nacional SESC de Cinema, para vocês terem uma ideia. Então ele percorreu o Brasil inteiro, sendo exibido na Mostra SESC de Cinema, e de modo muito bacana, porque o SESC leva o cinema para onde não tem nem salas de cinema. O cinema acaba sendo um meio de ser acessado por essas instituições e pela escola. Em muitas cidades no Brasil, o que é o cinema é o auditório da escola. O que é o cinema são esses serviços fornecidos pelo SESC, por exemplo.

E aí, como nós estamos em função dos 28 de junho, do mês comemorativo do Orgulho, para a nossa alegria, o MAR, que é o Museu de Arte do Rio de Janeiro. O MAR e teve o Museu do Futuro, ou seja, algumas instituições culturais que são recentes na cidade do Rio de Janeiro, vieram da Copa e das Olimpíadas, nos pediram para exibir e foi exibido nessas atividades de lá. Mas já está desde 2022 o filme está na rua, inclusive está no catálogo da Pinoteca Gaúcha, lá do Mário Quintana, como obra gaúcha. O filme é uma produção gaúcha.

¹⁰ O Lâmpião da Esquina foi publicado entre abril de 1978 e julho de 1981, foi o primeiro jornal de circulação nacional feito “por” e “para” homossexuais.

Edu: Olha só! Que legal, não é? E o que você percebe de continuidade ou de atravessamentos que provavelmente vêm acontecendo da recepção do público quanto ao filme?

Márcio: Acho que, primeiro, o filme é uma confluência de várias coisas. Por exemplo, é importante chamar a atenção que esse livro é uma coletânea de artigos sobre o movimento LGBTI. A preocupação sobre a história do movimento LGBTI à memória é algo que já tem um número de sujeitos, não é expressivo, mas já tem um número de sujeitos trabalhando nisso daí. Então, o filme, de alguma forma, vem sendo um desses instrumentos e provoca para a necessidade de não só construir a história do movimento LGBTI, mas ao construir a história do movimento LGBTI, conhecer a história do Brasil. Porque, afinal de contas, esse movimento LGBTI é feito, esse movimento LGBTI brasileiro, ele é feito no espaço-tempo de um país chamado Brasil. Então, contar a história do movimento LGBTI é contar a história do Brasil, e contar a história do Brasil sem contar a história do movimento LGBTI não é contar a história do Brasil. Ou seja, é contar a história de um segmento específico, talvez o mesmo que só ele exista na história do Brasil, e aí não é Brasil.

Então, o que a gente, de alguma forma, vem percebendo é a crescente necessidade de ampliar os olhares sobre a história do Brasil e, ao ampliar os olhares sobre a história do Brasil, trazer para essa história outros sujeitos que, ao longo do tempo, vêm sendo ignorados ou vêm sendo aligeirados a sua participação na história desse país. Não apenas a gente, ou o filme, estava preocupado em chamar a atenção para isso, até porque o filme é uma confluência dessa emergência. Outras pessoas estavam preocupadas com a memória, como é o caso da Rita Colaço, idealizadora e fundadora do Museu Bajubá, o Bruno Brulon, museólogo e antropólogo, no Rio de Janeiro. Mas, de alguma forma, esses pioneiros, e é muito louco falar isso porque é bem recente, eles falando de pioneiros, mas esses pioneiros, de alguma forma, começam a produzir alguns efeitos a ponto de, por exemplo, o Ministério de Direção da Secretaria Especial de Direitos Humanos ter lançado uma comissão que tem como tarefa fazer o registro da memória, não do movimento LGBTI, mas uma memória LGBTI no Brasil. Então, me parece que, de alguma forma, a situação da memória LGBTI, que não é o nosso caso, o nosso caso é o movimento, a nossa centralidade é o movimento, mas, de alguma forma, já existem algumas políticas públicas, ainda que embrionárias, e organizações da sociedade civil e universidades que já começam a se voltar para a institucionalização de centro de espaço de memória LGBTI, como é o caso do Museu de Diversidade em São Paulo, Museu Bajumbá no Rio, Museu Arco-Íris no Rio também, o nosso centro de memória João Antônio Mascarenhas, aqui em Pelotas.

Taís: Como esse filme é acessível por outros meios, ou por enquanto ele está ainda no trâmite dos festivais?

Márcio: Quando ele foi selecionado para mostra SESC, nós tivemos que tomar uma decisão muito cruel, que é possibilitar que ele estivesse na amostra e fosse visto no Brasil inteiro por meio do SESC e tirá-lo dos festivais, porque os festivais querem ineditismo em sua maioria das vezes. Como nem a minha intenção e nem a do Cláudio é sermos cineastas, tiramos dos festivais. Talvez, se nós quiséssemos ser conhecidos no mundo do cinema, com bastante aspas, não é uma questão pretenciosa, mas se nosso objetivo era entrar no grupo do cinema, talvez o nosso foco fosse só os festivais, porque é lá que se reúnem os estudiosos e os produtores de cinema. Nosso foco não era esse, nosso foco era disputar a memória política do Brasil. Ou seja, o nosso foco era dizer que não era possível construir memória do Brasil apagando a existência da população LGBTI. E aí nós tomamos uma decisão muito dura de ir para a amostra, e a a mostra de SESC tinha dois expedientes. Ela precisava, que o filme ficasse disponível

na página do YouTube via link, porque o SESC teria que exibir o filme no interior do Acre, por exemplo, no interior desses estados de mais difícil acesso via internet. Então ele ficou disponível por muito tempo pelo SESC e percorreu as cidades, e aí parou de circular nos festivais. Agora, terminada a mostra do SESC, o filme vai entrar na página do centro de memória. Ele, inclusive, já está na página do centro de memória, mas você só consegue acessá-lo por meio do link¹¹. Você entrando na página do Centro de Memória, o filme está lá. Por enquanto, o meio de chegar no filme não é pelo filme, é pelo centro de memória. Quando você entra no centro de memória, você localiza o filme. Agora, se você for botar quando ousamos existir na busca, ele não vai localizar porque a gente não listou.

Taís: Legal, a gente coloca na entrevista esse link para que as pessoas possam acessar ele. Enfim... o audiovisual tem uma potência muito diferente dos trabalhos acadêmicos, que é a potência da emoção. Quando a gente apresenta essas narrativas que carregam a experiência, vira uma coisa muito maior do que aquilo que a gente consegue expressar por meio das palavras escritas. É importante usar disso como um dispositivo de desacomodação social, para que esse movimento continue existindo e fazendo sua parte, porque os direitos nunca são plenamente adquiridos, eles sempre estão em luta, como a gente bem sabe. É importante que a gente continue sempre lembrando daquilo que a gente já fez, mas organizando os próximos, as próximas etapas para que a gente nunca regrida no processo de democratização da vida.

Edu: Eu fiquei pensando, Márcio, que seria legal tu falar sobre o teu trabalho aqui na UFPel. Onde tu está na UFPel, com o que tu está trabalhando agora? Pesquisando?

Márcio: Então, eu vou fazer um iato importante. Como eu falei para vocês, eu não sou do cinema, eu sou do campo da educação. E eu fui [durante minha formação acadêmica] para a educação. um dos motivos centrais que me levou a ir ao campo da educação, e é importante chamar a atenção disso, é porque se fala muito mal da educação, se critica muito a educação. Inclusive, eu até brinco que a educação é “geni”¹², mas é ela que salva a cidade. Todo mundo bate, “ela é feita para apanhar, ela é boa de cuspir”, mas é ela que todo mundo identifica como a salvadora do mundo. Qualquer crise política, o pessoal fala que tem que melhorar a educação, tem que ser aquilo, aquilo, aquilo.

Então, o que acontece? A minha formação inicial é história, e quando eu fiz história eu observava nitidamente que poucos eram os espaços que eu poderia discutir homossexualidade na academia, ou pelo menos os espaços onde eu tinha condições de discutir por conta do meu próprio processo formativo. Paralelo a isso, as minhas experiências como professor de história na escola me levaram à necessidade de continuar o debate que eu já fazia como ativista, porque lembra que eu falei que eu fui ativista? Eu sou ativista desde muito novinho. Bem novinho, não vou entrar no processo, mas é bem novinho mesmo.

Quando eu fui para o campo da educação, eu fui por conta desses encontros, dessas duas questões. A primeira era, eu estava sendo provocado por essa temática a partir da minha prática como professor, que não era uma prática qualquer, era uma prática de um professor ativista, ou seja, eu já estava sensibilizado pela agenda por conta do ativismo, então eu era capaz de ver o que a maioria dos meus colegas ignoravam, porque não tinham nenhuma sensibilidade, nenhum olhar sobre aquilo. E aí, onde eu fui fazer isso? Na educação, porque era exatamente o campo de produção do

¹¹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/memoriaslgbti/>

¹² Uma referência à música “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque.

conhecimento que eu percebia que existia, mesmo não existindo nada, porque não existia nada produzido naquele contexto no campo de educação, mas mesmo não existindo nada que eu poderia construir algo. Então, eu estou na fileira dos primeiros pesquisadores do campo de educação que vai discutir população LGBTI na escola.

Não era em qualquer outro lugar, era na escola. Eu fui um dos primeiros trabalhos. Era eu, Anderson Ferrari em Juiz de Fora, que também era do movimento LGBTI, o Luiz Palhano, que também era do movimento LGBTI no Ceará, inclusive foi a primeira dissertação a ser defendida, e o Lula Ramirez em São Paulo. Então, o que acontece? A gente construiu esse campo na educação.

Perceba, a construção do tema população LGBTI ou homossexual, naquele contexto, na educação. Mas não significa que não existisse, naquele momento que nós começamos, alguns trabalhos e grupos importantes que discutiam gênero, sexualidade e educação. E esses grupos estavam no Rio Grande do Sul. Então, assim, o primeiro grupo brasileiro construído no Brasil que discutia gênero-sexualidade e educação era da UFRGS, é o GE, que foi fundado pela Guacira Lopes Louro. Toda essa galera que iniciava o seu debate sobre homossexualidade na educação, mesmo nunca tendo colocado seus pés no Rio Grande do Sul, conhecia a academia gaúcha porque era quem produzia sobre gênero sexualidade e educação no Brasil. Entende? Então, assim, eu venho para o Rio Grande do Sul, eu vim parar no Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul, exatamente porque, quando eu termino o doutorado, eu falei assim: eu não tenho para onde ir, aonde eu vou ser aceito? Eu sou um viado que pesquisa viado, numa academia que não conhece ainda viado, que não reconhece viado, que não reconhece travestis, que não reconhece lésbicas, que não reconhece bissexuais e intersexuais ainda menos. Então, aonde eu posso ir? Onde esse debate já tem um volume por meio das percussoras. Lembra daquela questão que chamei a atenção das ancestralidades?

Eu vim fazer concurso, inicialmente para a FURG, onde trabalhei durante 10 anos. Em 2020 peço redistribuição para o FEPEL, já, inclusive, muito influenciado por grupos de pesquisas que tinham na Faculdade de Educação, em particular o grupo de pesquisa do Álvaro Hipólito, que não é de gênero e sexualidade, mas seu trabalho inicial de mestrado, inclusive o mais lido, era sobre gênero, do Grupo de Políticas Públicas, Álvaro Hypólito, que é um pesquisador que admiro muito, o professor Jarbas, Márcia Alves, Georgina Helena, a Márcia Ondina. Então, eram pesquisadores que vieram nesse bolso, dos debates foucaultianos, dos debates proporcionados lá na UFRGS, e que estavam aqui do meu lado, na FURG. E eu falei assim, quero estar com eles. E aí pedi-me a redistribuição para o UFPel, muito influenciado pela minha necessidade intelectual de estar próximo de sujeitos que eu admirava e admiro, dentro do meu processo de formação. Eu tenho muito disso. Eu sou mobilizado pela admiração. Eu sou mobilizado pelo afeto. As pessoas que eu gostava, que estavam próximas de mim, estavam aqui. Aí eu pedi redistribuição e estou aqui na UFPel desde 2020. A gente criou um grupo de pesquisa chamado POCS, POC-POC, que é Grupo de Pesquisa Política dos Corpos Cotidianos e Currículos. E estamos na pós-graduação.

Hoje, inclusive, eu sou coordenador adjunto da pós-graduação em Educação da UFPel e tenho pesquisado muito a partir dos cotidianos. O Eduardo estava falando da questão do caminhar pela cidade. Eu sou aqueles pesquisadores que chegam na sexualidade não pelo Foucault, eu chego pelo Michel de Certeau em “A invenção do Cotidiano”¹³. meu autor inicial de aproximação dessa temática foi exatamente, o Certeau. Exatamente por que?

13 CERTEAU, M. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

Porque nós não falávamos de invisibilidade, então eu precisava caminhar pela cidade, caminhar pela escola, ampliar os meus sentidos para dar conta de perceber, não pelo olhar, mas por todos os sentidos, existente no corpo, a presença dessa população na cidade, na escola, na educação. Estou por aí. E, ultimamente, tenho pesquisado exatamente esses modos com que os discursos neoconservadores vêm incidindo na agenda de direitos em torno da temática de gênero e sexualidade. Essa tem sido a minha preocupação nesse momento.

Quanto a esses movimentos conservadores, que no Brasil, do meu ponto de vista, são chamados equivocadamente de bolsonaristas, porque Bolsonaro é bem menor do que o movimento, mas, de qualquer forma, como é que esse movimento neoconservador vem incidindo nas nossas agendas de direitos por meio das nossas reivindicações em torno da temática de gênero e sexualidade.

Ele vem, como se diz, existe um perigo aí, uma coisa meio que impensável, porque a gente passou alguns anos meio que num, não sei se num crescimento, não sei que palavra usar, e aí o governo Bolsonaro chegou e E eu acho que nos mostrou um pouco, né? Eu costumo dizer, às vezes, que esse conservador, ele tá ali do nosso lado, né? E eu falo muito em aula, e às vezes eu saio da aula e digo, imagina os conservadores na minha aula. É claro que tem, eu tenho turmas de 50 alunos.

Se a gente teve uma eleição que foi que foi quase meio a meio, uma metade é conservadora. Então, é um momento muito complexo, não é simples. E eu venho percebendo, às vezes, até nos questionamentos, quando a gente conta sobre alguma coisa, existem algumas questões que... que acabam surgindo, né, e às vezes eu fico pensando naquilo. Eu acho que até foi uma certa provocação, é um momento muito difícil, eu tenho percebido. Eu sou um professor que não tenho papas na língua, eu falo qualquer coisa que me vem na cabeça, mas nos últimos tempos é muito interessante. Essa energia toda te faz pensar um pouco no que tu tá falando ali na hora. É muito triste isso, eu acho. Eu acho muito triste às vezes.

Edu: E o conservadorismo tá aí ainda. Eu acho que por algum momento a gente imaginou que isso tinha sido superado, mas não foi superado.

Márcio: Eu acho que tem uma coisa, Eduardo, que é o seguinte, essa agenda de fato é muito complexa. Alguns anos atrás, o movimento negro lançou uma campanha que eu achei fantástica, que era uma campanha em que ele perguntava onde você guarda o seu racismo. Essa campanha, de alguma forma, deduz que todos nós somos racistas. A diferença é que alguns explicitam isso e outros guardam, e não é a melhor forma. A gente precisa saber aonde ele está, se o racismo está no desejo, se o nosso racismo está na nossa dificuldade de compreender que uma pessoa negra pode estar num espaço de poder, que uma pessoa negra pode estar no espaço em que eu desejo estar, mas ela está, porque ela é mais competente do que eu. Em suma, é importante a gente compreender onde está o nosso racismo para poder questioná-lo e derrotá-lo. Eu pego essa campanha para exatamente dizer onde está o nosso conservadorismo. Trazemos, em maior ou menor grau, rastros conservadores que nos ligam àquilo que de pior tem na história do Brasil, aquilo que é responsável por nossa extrema desigualdade, por nossa condição servil em vários aspectos do ponto de vista acadêmico, Então, é muito importante que a gente reconheça onde está o nosso conservadorismo para a gente combatê-lo. Agora, existem aqueles que precisam disso, de localizar onde está o seu conservadorismo, porque ele precisa questioná-lo para derrotá-lo, e existem também aqueles conservadores que ele não precisa identificar nada, porque ele sabe que é conservador e adota isso como princípio de existência política. Ele adota isso como seu ativismo.

Então, eu compreendo que a agenda é complexa, muito complexa, porque a gente precisa ganhar esses corações e mentes que têm posturas conservadoras, mas compreende que não é possível ter, ser conservador e criticar a desigualdade sexual e racial e de classe. Não é possível isso. Se você critica a desigualdade, você não pode ser conservador. Você não pode encarar aquilo que você é, o seu próprio desejo, inclusive, como algo natural. Ele funciona dentro de uma órbita cultural que precisa ser questionada.

O próprio... o próprio direito que os homens acham que tem em discutir sobre o corpo da mulher. Se você defende uma agenda democrática, você não pode se achar no direito de querer determinar a agenda do corpo da mulher. Você só defende uma agenda do corpo da mulher se você é conservador. Então são coisas que a gente precisa aprofundar o debate.

Há de endurecer sempre sem perder a ternura jamais. O que estou querendo dizer com muito afeto. Há de endurecer o debate sem perder o afeto. A perda de afeto a gente deixa para os inimigos. E eu, particularmente, quando você fala assim, posso ter conservadores em salas de aula, mas tenho certeza que não são maioria.

Então a gente deixa a possibilidade de afeto endurecendo sempre o debate para esses, e para os inimigos a gente vai para o frente, porque também não se abraça escorpião, não é? Seria insanidade. Você não vai conversar com fascista. O limite do diálogo, e eu sempre chamo atenção disso, o limite do diálogo é o respeito à minha existência. Eu não vou dialogar com fascista, porque o que ele quer é a minha morte. Agora, se o sujeito me respeita e respeita a minha existência naquilo que eu sou, ou pelo menos faz esforço para, a gente dialoga.

Edu: Acho que tem que ser por aí mesmo. É interessante pensar, eu fiquei pensando um pouco, te ouvindo falar, e ouvindo toda a tua trajetória, e pensando um pouco na minha, que eu te disse, eu não sou um ativista, talvez eu esteja um pouco me descobrindo como ativista. Eu sou de uma cidade do interior aqui do Rio Grande do Sul, aqui perto de Pelotas, e é muito interessante perceber que o nosso território, o território de onde a gente vem, ele acaba traçando também um pouco desse momento. Quando tu falou: “eu sou ativista desde muito novo”; eu pensei: que inveja que eu tenho dele. No meu muito novo, era algo impensado, Pra tu ter uma ideia, eu fui entender essas questões como aluno do mestrado em educação da FAE. Eu fui tomar contato nas aulas do Marcos Villela, que é professor na PUC hoje em dia. Ele foi professor na UFPel e saiu da UFPel e foi pra Porto Alegre, ser professor na PUC. E eu lembro que eu comecei a ler a história da sexualidade de Foucault e aquilo, pra mim, foi uma coisa assim, sabe? E aí eu fico pensando um pouco, não só nessa questão, intelectual, cultural, mas de uma questão dessas possibilidades ou forças de morar numa capital, numa cidade maior, e daquele corpo que vem de um outro... do lugar pequeno, menor. Eu venho desse lugar. Os gays não existiam na minha cidade. Eles realmente não existiam. Mas o quanto esse movimento de vocês aí, da capital, de ser um jovem no movimento, libertou essas cidades também, porque elas mudaram hoje em dia. Não sei se é uma mudança, mas existe uma penetração dos movimentos em todos os níveis.

Márcio: Eu acho, Eduardo, que o ativismo é polissêmico. O que eu estou querendo dizer com isso? Eu estou chamando a atenção de que, muito possivelmente, você sempre foi ativista. E não necessariamente esse ativismo se organizou da mesma forma que se organizou o meu, ou o meu tenha se organizado da mesma forma que se organizou vários outros. Quem luta contra a maré, luta porque é ativista. Quem não luta, morre no meio do caminho. Morre lutando ou morre porque se deixa vencer pela norma. Quantos de nós se designou ao que foi estabelecido dentro de uma cultura

machista, heterossexual. Quando você não se deitou a esse desígnio, você fez o seu ativismo. Não é necessariamente aquilo que foi feito na cidade grande que resultou na configuração que hoje...

Aquilo que foi feito na cidade grande, não pode ser responsabilizado por aquilo que está sendo vivido na cidade pequena. O que eu estou querendo chamar a atenção é que o fato de sujeitos como você, na cidade pequena, estarem na cidade pequena, naquele contexto, possibilitou que outros sujeitos posteriores a você pudessem viver o que você viveu de maneira diferente. E que o que a cidade grande fez foi talvez dizer: você não está sozinho. Você, na cidade pequena, não está sozinho, tem a cidade grande e outras pessoas vivendo algo semelhante a você. Assim como quem estava nessa cidade grande pôde olhar para as cidades menores desse Brasil e dizer, olha, isso não é um fenômeno da cidade grande, isso existe no mundo todo, em todas as famílias.

Então, o ativismo é muito maior do que um sentido restrito que a gente possa vir a ter de pensá-lo como algo meramente instrucional. Se você é ativista é porque você está na fileira do movimento social. Você é ativista porque, na sua singularidade, naquilo que se constitui e que, na maioria das vezes, é contragermônico, você está ousando existir. E é isso, são as micro-revoluções. São essas micro-revoluções que possibilitaram que a gente pudesse hoje ter um cenário distinto do que foi aquele que a gente viveu, você na sua pequena cidade aqui do interior do Rio Grande do Sul, eu na minha cidade da periferia do Rio de Janeiro, que é Belford Roxo.

Belford Roxo, por exemplo, é uma cidade extremamente violenta, sempre foi violenta. Eu fui educado vendo, viados sendo assassinados. Viados eram assassinados como uma profilaxia. Mata-se a bicha para que outras não sejam bichas, porque se forem bichas, vai ter o resultado como a bicha que morreu, entendeu? Então, assim, nós somos ativistas e fazemos ativismo, e estamos fazendo ativismo na academia, na cidade, na nossa vida, e é por aí, senão a gente sucumbe.

Edu: Legal, né? Acho que é por aí, né? Eu tinha notado algumas coisas, mas foi durante a conversa, já foi nos contando, né? Não sei, Taís...

Taís: Eu tenho uma pergunta que não sei se tem resposta, mas vou jogar assim para a gente conversar. A gente sempre tem tentado pensar qual o resultado disso em um efetivo espaço, porque a arquitetura, a cidade é muito disciplinadora e ela é sempre feita para que a gente ande em filas, para que a gente obedeça, para que a gente siga as normas, para que a gente produza. Como você vê, ou pensa, o que poderia ser esse outro lugar? Porque sempre que eu penso sobre essas questões, eu vejo que essa coisa da individualização, do indivíduo, dessa separação, ela cada vez mais acaba com essa ideia de pluralidade que a gente gosta. E desse espaço relacional também, dessas dissidências que se constroem nesse encontro. Como seria esse lugar onde as coisas fluíssem de uma maneira mais... democrática talvez?

Márcio: Taís, Eu poderia colocar esse lugar na utopia. Esse lugar está na utopia. Mas se eu falasse isso, eu estaria depondo contra aquilo que eu acredito. Esse lugar é o lugar da nossa existência, porque é um pleno engano da arquitetura, da educação, da área médica, seja qual for o campo de confluência de produção do conhecimento, achar que os sujeitos vão fazer exatamente aquilo que eles desejam que eles façam.

A arquitetura pode até ter inventado a calçada. Pode até ter inventado a rua, pode até ter inventado um monte de coisa, mas quem usa da arquitetura, reinventa a arquitetura e faz da arquitetura aquilo que deseja da arquitetura. A praça pode não ter sido feita para as bichas velhas ali, a General Osório, mas elas estão ali. Elas usam aquele

espaço como espaço de encontro. A escola pode não ter sido inventada para viados, mas os viados estão lá e estão lá desde sempre. Então, se por um lado tem essa pretensa ideia, esse pretensão poder, que por vezes a gente que dá esse poder para eles, dizendo que eles são capazes de fazer isso. A gente afirma que eles são capazes de fazer isso. Quando a gente fala que eles são capazes, eles viram nossos algozes. E a gente acaba por invisibilizar aquilo que a gente faz. E o que a gente faz é muito mais orgânico, é muito mais revolucionário no sentido de transformação do que esse pretensão discurso de que eles são capazes.

E eu acredito nisso, nessas micro-revoluções, para trazer Deleuze para o nosso debate aqui, desse “uso dos praticantes” para chamar Certeau para a nossa conversa. Essas necessidades que nós temos de nos mantermos vivos e, para nos mantermos vivos, usarmos de criatividade. E essas criatividades vão roendo o sistema por dentro. Talvez não na velocidade que muitos de nós gostaríamos que fosse ruído, mas se fosse ruído na velocidade que nós gostaríamos que fosse, só sustentaria a nossa necessidade, não sustentaria a necessidade de todos os sujeitos que estão roendo por dentro. Então, as coisas são ruídas nos tempos das necessidades. Às vezes é num relâmpago, às vezes demoram séculos. E por aí a gente vai.

Eu vou só te contar uma história. A minha dissertação de mestrado nasce de uma experiência muito louca. Eu era professor da escola, o banheiro dos professores estava fechado. E aí eu fui no banheiro dos alunos. E no banheiro dos alunos eu começo a ler o que estava escrito na porta do banheiro. A porta do banheiro, que inclusive é meia-porta, uma invenção da arquitetura para exatamente poder ver quem estava embaixo, a porta do banheiro era utilizada como um espaço de diálogo entre dois rapazes. possivelmente de turnos diferentes que estavam marcando o encontro, exatamente na porta da escola, e marcavam o encontro em Yorubá, que era uma língua utilizada nos cultos afro-brasileiros, naquele contexto. E eu, como adepto do culto afro-brasileiro, que tenho todos os meus ritos em Yorubá, fui capaz de ler aquilo e compreender. São dois meninos que estavam marcando um encontro. Por onde? Pela porta do box, da porta do box do banheiro masculino. Você veja, a arquitetura quis que eles não se encontrassem. Botou a meia parede, e a meia porta, mas os usos dos sujeitos foram lá, subverteram e criaram um diálogo. E isso é o que mais acontece na prática da vida. As mulheres são exemplos disso, os sujeitos de camadas populares, os sujeitos aligeirados nessa estrutura desigual nos ensinam muitos modos de estarmos vivos. Elas são verdadeiras epistemologias. Não sei se eu te respondi.

Edu: Acho que sim. Muito interessante. Eu acho que era um pouco isso, O que eu ia te convidar, Márcio, é o seguinte. Quer publicar algum texto na revista? Estás como autor convidado. Não precisa ser um texto inédito. Pode ser um texto traduzido, ou um texto já publicado, ou se tu tem algum A gente tá aberto. Eu fiquei feliz de ter o Márcio na UFPel.

Márcio: Eu fico feliz de ter ela na UFPel. e vamos estreitar isso daí. Gente, eu vou me despedir de vocês. Tchau, Tchau.

Edu: É isso, então a gente te agradece, Márcio.

Taís: Obrigada, Márcio, Tchau, tchau.